

**ARMADILHAS DISCURSIVAS EM *ANIMAL FARM***  
***DISCURSIVE TRAPS IN ANIMAL FARM***

Iliane Tecchio  
 Mestre em Estudos da Tradução  
 Universidade Federal de Santa Catarina  
 (iliane.tecchio@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre como a língua/linguagem pode ser empregada para convencer, implantar e sustentar relações de poder. A investigação teve como *corpus* a fábula *Animal Farm* (1945) de George Orwell (1903-1950) e sua tradução, *A Revolução dos Bichos*, realizada por Heitor Aquino Ferreira, na edição de 2007 publicada pela Companhia Das Letras. Especificamente, observou-se como o agente do discurso argumenta, através de escolhas linguísticas e estratégias discursivas, sobre os fatos ocorridos na fazenda após a revolução. Será observado, ao final do estudo, que a manipulação por meio do discurso encontrará o silêncio daqueles que, convencidos de inexorabilidade das configurações políticas que se delineiam, aceitam-na como via de mão única para a concretização de um ideal.

**Palavras-chave:** *Animal Farm*; George Orwell; Linguagem; Estratégias Discursivas

**ABSTRACT:** This article aims at presenting a reflection on how langue/language can be used to convince, establish and maintain relations of power. The corpus of this study was the novel *Animal Farm* (1945) by George Orwell (1903-1950) translated into Portuguese, *A Revolução dos Bichos*, made by Heitor Aquino Ferreira, 2007 edition, published by Companhia Das Letras. Specifically, it was observed how the discourse agent argues, through linguistic choices and discursive strategies about the facts that occurred on the farm after the revolution. It will be observed, at the end of this study, that the handling through discourse will cause the silence of those who, convinced of the inexorability of the political configurations that are looming, accept it as one-way street for the achievement of an ideal.

**Keywords:** *Animal Farm*; George Orwell; Language; Discourse

## Introdução

Este estudo que ora apresentamos faz parte das pesquisas realizadas para compor a dissertação de mestrado na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, defendida em agosto de 2010. As análises apresentadas neste artigo focam na interpretação do discurso, como este foi estruturado para implantar e sustentar o poder.

Para abrir as reflexões que seguem, destacamos a observação de Barthes (2007, p. 5), de que “[a] língua não se esgota na mensagem que engendra, pode sempre fazer ressoar outra coisa para além do que é dito”. Sob esta perspectiva de pensar a língua, buscamos exemplos na obra **A Revolução dos**

**Bichos**, de como a língua/linguagem pode ser usada em prol de objetivos pré-determinados e em favor de determinada classe ou grupo, que se encontram numa posição hierárquica superior em uma dada sociedade ou grupo social. A escolha da obra para analisar as marcações linguísticas de cunho ideológico se deve, entre outros fatores, por ser lançada após a II Grande Guerra e em pleno período chamado de Guerra Fria.

Os textos literários muitas vezes se encontram intrinsecamente relacionados com o contexto social no qual foram produzidos. Assim, A Revolução dos Bichos, a história dos animais que se rebelam contra a dominação do homem na fazenda Granja do Solar, como nos relata Luis Wilson (2009), tornou-se célebre como uma das primeiras críticas ao regime soviético, tendo inclusive o ano de publicação inicial em 1944, prorrogado, pois nessa época a URSS era ainda aliada dos EUA e da Inglaterra em razão da Segunda Grande Guerra. De acordo com Bloom (1991, p. 10), a narrativa estabelece equivalências com a história da ação política na Rússia desde os duros tempos de 1917 até a Segunda Grande Guerra. Afirma, também, que a fábula não representa apenas uma alegoria da política Russa do século XX, mas uma anatomia de todas as revoluções políticas, em que os mais fracos tomam o poder e, em seguida, corrompem-se pelo e em razão do próprio poder que tomaram.

Importante salientar que o gênero literário fábula, no qual animais representam tipos humanos e cujas histórias comportam, via de regra, narrativas de intenção moralizante atento às injustiças e falhas dos homens, e ainda, a obra em questão, estando repleta de simbologias, permite abordagem voltada ao estudo dos fenômenos de intertextualidade e de interdiscursividade, em que sobressaem tramas ideológicas. Na obra *Animal Farm*, o discurso da personagem *Squealer*, porta voz dos líderes, apresenta-se arquitetado por recursos linguísticos que englobam, entre outros, jogos lexicais, expressões corporais e estratégias discursivas, que colaboram para encobrir as intencionalidades implícitas do agente do discurso. Por meio do seu discurso *Squealer* consegue convencer os interlocutores sobre a situação que se apresenta, e que os novos líderes estão fazendo tudo por **eles**, em prol da nova sociedade, da sociedade **igualitária**, razão da revolução.

## Apontamentos sobre a obra **A Revolução dos Bichos**

Publicada em 1945, ao final da Segunda Grande Guerra, a obra tem como título original: *Animal Farm - a fairy story*. É considerada um dos grandes clássicos da literatura mundial. Quando lançada, depois de ser rejeitada por vários editores, entre eles o poeta T.S. Elliot, como informado na edição de 2007 da editora Companhia Das Letras, causou grande mal-estar no meio literário, pois foi percebida como uma sátira feroz da ditadura stalinista visto que, naquela época, os soviéticos ainda eram tidos como aliados na luta contra o nazismo.

Obra fabulesca, enquanto gênero literário, narra a revolta dos animais da fazenda Granja do Solar, que após a revolução passou a ser chamada Granja dos Bichos. Movimento de protesto contra as condições de vida e trabalho forçado aos quais os animais estavam sendo submetidos pelo fazendeiro, o Sr. Jones. A trama sublinha a trajetória dos líderes da revolução, os porcos: *Napoleon* e *Snowball* – traduzidos respectivamente como Napoleão e Bola de Neve. Acreditando no projeto, todos os bichos da fazenda concedem às suas lideranças plenos poderes, tendo em vista serem eles os mais instruídos. Esta informação provém da voz do narrador, tal como exemplificado abaixo:

A tarefa de instruir e organizar os outros recaiu naturalmente sobre os porcos, reconhecidos como os mais inteligentes dos bichos. (...) Os porcos não trabalhavam propriamente, mas dirigiam e supervisionavam o trabalho dos outros. Donos de um conhecimento maior, era natural que assumissem a liderança (ORWELL, 2007, p. 18).

Com a tomada da Granja do Solar, a revolução adquire organização específica. Para levar a cabo o projeto, os porcos letrados começam a implantar regras, normas e leis para a consolidação da revolução. Prescrevem sete mandamentos, que constituem os princípios básicos do Animalismo, filosofia instaurada pelos porcos, a qual estabelecia como princípio central, que todos os animais fossem considerados iguais e que os humanos fossem considerados inimigos a serem combatidos. Assim, uma bandeira é erguida e torna-se o símbolo da Revolução. Uma canção, **Bichos da Inglaterra**, é composta e entoada por todos os animais da fazenda. Com isso, se dá início, na visão dos animais, a realização do sonho coletivo. Finalmente, o desejado futuro se delineia no horizonte.

Com o avanço da narrativa, a doutrina inicial da nova sociedade progressivamente se altera. Os clamores de justiça e igualdade, que conduziram os animais aos ideais da revolução, são reprimidos em benefício dos interesses individuais daqueles que assumiram o poder. Na medida em que alterações reminiscentes aos princípios básicos da revolução eram realizadas, surgem várias justificativas por parte dos novos governantes, os quais passam imediatamente a tomar atitudes autoritárias e repressivas. Os animais são persuadidos a aceitar os fatos como verdadeiros e, por extensão, as decisões dos líderes, que são levadas ao conhecimento por meio dos discursos proferidos pelo porta voz do poder, o porco *Squealer*, cujo nome foi traduzido em português como Garganta, visto remeter à habilidade da retórica e do discurso persuasivo por ele praticado. A gênese das exposições discursivas, presentes nas ideias proferidas por essa personagem, fica registrada em vários patamares linguísticos, inclusive nos mais básicos, por exemplo, quando da seleção de unidades lexicais que participam na composição das proposições que caracterizam a formação discursiva. Os recursos linguísticos anexos, os jogos lexicais, o uso de expressões e escolhas sintáticas, marcam sobremaneira as intencionalidades implícitas no discurso da personagem, como mostramos nas análises a seguir.

### **Análise dos fragmentos de discursos proferidos por *Squealer/Garganta***

Os discursos da personagem Garganta, com sua função de porta voz, giram em torno de justificativas para os acontecimentos que sucedem na fazenda, geralmente envolvendo o líder Napoleão. Apresentamos três fatos ocorridos na nova sociedade nas quais Garganta interfere com seus discursos.

Fato **A** - O capítulo III apresenta o discurso da personagem Garganta justificando o fato dos líderes: Napoleão e Bola de Neve, guardar para eles todo o leite e a colheita das maçãs:

“Camaradas!”, conclamou. “Não imaginais, suponho, que nós, os porcos, fazemos isso por espírito de egoísmo e privilégio. Muitos de nós até nem gostamos de leite e de maçã. Eu, por exemplo, não gosto. Nosso objetivo ao ingerir essas coisas é preservar a saúde. O leite e a maçã (está provado pela ciência, camaradas) contêm substâncias absolutamente necessárias à saúde dos porcos. Nós porcos somos trabalhadores intelectuais. A organização e a direção desta granja dependem de nós. Dia e noite velamos pelo vosso bem

estar. É por vossa causa que bebemos aquele leite e comemos aquelas maçãs. Sabeis o que sucederia se os porcos falhassem em sua missão? Jones voltaria! Com toda certeza, camaradas!”, gritou Garganta, quase suplicante, dando pulinhos de um lado para outro e sacudindo o rabicho, “com toda a certeza, não há dentre vós quem queira Jones de volta” (p. 33).

Na passagem destacada é possível inferir como os animais estavam sendo envolvidos e inseridos na trama ideológica traçada pelos dominadores e veiculada no discurso do representante, que aludia um sentimento de proveito comum e de segurança. Para fundamentar seu discurso e para a eficácia da sua mensagem, observamos que a personagem utiliza-se de recursos que podem ser considerados estratégias discursivas. Tais estratégias abarcam desde as escolhas linguísticas, as estruturas frasais, os tempos verbais, os estilos expressivos, as entonações vocais e até a representatividade naquela sociedade.

Citamos as locuções interrogativas: “Sabeis o que sucederia se os porcos falhassem em sua missão?” e imperativas: “Jones voltaria! Sim, Jones voltaria!” Essa forma de estruturar o discurso utilizando efeitos contratemporais como os *flashbacks*, de acordo com Thompson (1998, p. 373), reflete a intenção ideológica do narrador. A experiência humana é histórica. Parece que constantemente nos valem de resíduos do passado para compreendermos a situação presente, mas nem sempre os resíduos trazem clarificação do que estamos vivenciando no momento. Em circunstâncias específicas, nos diz Thompson (1998, p. 360), “podem também servir para esconder, obscurecer ou mascarar o presente”.

O narrador de *Animal Farm* lembra que, como os animais não queriam que o antigo dono retornasse à fazenda, silenciaram: “Ora, se havia algo sobre o que todos os animais estavam de acordo era o fato de nenhum deles desejar a volta de Jones. Quando o assunto foi colocado sob essa luz, não tiveram mais o que dizer” (ORWELL, 2007, p. 36). De acordo com Orlandi, o silêncio pode ser considerado tanto como a parte da retórica da dominação, da opressão, como sua contrapartida, isto é, a retórica do oprimido (da resistência):

Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras (ORLANDI, 1997, p. 11).

Neste mesmo fragmento, pode-se observar como ardilosamente o porta voz justifica o fato de o leite e das maçãs ficarem apenas com eles, os líderes, os

trabalhadores intelectuais; como manipula e convence os animais com justificativas baseadas na **ciência**, uma estratégia discursiva que, de acordo com Charaudeau (2009, p. 54), quando “documentos e objetos são exibidos ou referidos funcionam como provas concretas”. Os animais, os receptores do discurso, não se pronunciam a este respeito, não contradizem esta evidência, talvez por desconhecimento ou por aceitarem os argumentos do emissor que são “cientificamente embasados”. Uma outra razão da não-argumentação pode advir do fato de ser Garganta, assim como os líderes, um porco com credenciais respaldadas pela sociedade que estava se formando, pois como nos revela Bourdieu (1996, p. 87): “o uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira, como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor”.

Neste mesmo fragmento nota-se também o uso repetitivo do pronome da primeira pessoa do singular **eu** e do pronome da primeira pessoa do plural **nós**, o que, de acordo com Koch (1992, p. 15), no discurso o indivíduo se apropria da língua, instaurando-se como eu e, concomitantemente, instaurando o outro como tu: “É uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira”.

Neste sentido, o uso dos pronomes referidos marca uma linha que estabelece além da divisão de classe, como se observa na passagem: “A organização e a direção desta granja dependem de nós”, e o poder que se pretende estabelecer e sustentar: “Sabeis o que sucederia se os porcos falhassem em sua missão?”. Além disso, os pronomes marcam a obrigatoriedade da classe subordinada em aceitar os fatos, pois a resistência geraria falência do governo, uma vez que: “Dia e noite velamos pelo vosso bem-estar”.

Fato **B** - O capítulo V expõe a explicação de Garganta sobre a decisão do porco Napoleão em expulsar Bola de Neve, um dos porcos líderes da fazenda após a revolução:

“Camaradas”, ele disse, “tenho certeza de que cada animal compreende o sacrifício que o Camarada Napoleão faz ao tomar sobre seus ombros mais esse trabalho. Não pensem, camaradas, que a liderança seja um prazer. Pelo contrário, é uma enorme e pesada responsabilidade. Ninguém mais que o Camarada Napoleão crê firmemente que todos os bichos são iguais. Feliz seria ele se pudesse deixar-vos tomar decisões por vossa própria vontade; mas as vezes poderíeis tomar decisões erradas, camaradas; e então,

onde iríamos parar? Suponhamos que tivésseis decidido seguir Bola-de-Neve, com suas miragens de moinho de vento – logo Bola-de-Neve, que, como hoje sabemos, não passava de um criminoso?”.

“Ele foi valente na Batalha do Estábulo”, disse alguém.

“Valentia não basta”, respondeu Garganta. “A lealdade e a obediência são mais importantes. E quanto à batalha do Estábulo, acredito tempo virá em que verificaremos que o papel de Bola-de-Neve foi muito exagerado. Disciplina, camaradas, disciplina férrea! Esse é o lema para os dias que correm. Um passo em falso, e o inimigo estará sobre nós. Por certo, camaradas, não quereis Jones de volta, hein?” (p. 48).

Perante o assombro dos animais em relação à expulsão de Bola de Neve, eis que novamente o porta voz surge com sua destreza discursiva para esclarecer o fato. Neste excerto podemos perceber como a personagem, de forma extremamente sutil e ardilosa, leva os animais a aceitarem a ideia de que são incapazes para tomar decisões próprias, necessitando, pois, de um **líder**: “[...] mas às vezes poderíeis tomar decisões erradas camaradas; e então onde iríamos parar?”. Nesta passagem o porta voz sublinha a importância do líder, insistindo que somente ele tem capacidade de decidir sobre o quê que seria melhor para todos. É importante refletir, com base em Eagleton (1997, p. 11), que do ponto de vista ideológico ninguém seria incapaz por completo, as pessoas precisariam aprender a sê-lo: “É preciso ensinar-lhes ativamente essa definição, e alguns deles revelam-se bachareis nesse processo”. Delineiam-se assim, alguns dos suportes ideológicos para a legitimação do poder de uma classe ou grupo social dominante, tal como ocorre na presente fábula. Os traços ideológicos indicam para a incapacidade de um grupo em determinar direcionamentos necessitando de um líder que os guie. Retomando aqui as palavras de Garganta: “Onde iríamos parar?”.

Outro ponto de destaque neste excerto está na passagem que quando alguém entre os animais faz alusão ao episódio em que Bola-de-Neve combate bravamente na Batalha do Estábulo, Garganta responde: “Valentia não basta! [...]. A lealdade e a obediência são mais importantes”. Os elementos linguísticos, que podemos chamar de temas ou *slogans*: lealdade, obediência, disciplina, são exemplos de elocuições por meio das quais a ideologia encontra fios emergentes na obra. Garganta, valendo-se de *slogans* ao invés de explicações, apaga quaisquer dúvidas ou questionamentos que os animais supostamente poderiam articular e, como resultado, consegue mantê-los sob controle. Segundo Quintás (2009),

determinadas palavras adquirem um prestígio especial em cada época da história, são as chamadas palavras talismãs. O manipulador dos termos talismãs sabe que ao introduzi-los em um discurso provoca intimidação, conduzindo á aceitação do que se poderia chamar de imposições. Corroborando com este autor, Fiorin (2007, p. 25), sugere ainda que tais traços semânticos “(...) refletem uma visão de mundo, de valores e de crenças numa dada formação social”.

Para finalizar a análise deste fragmento gostaríamos de chamar atenção para a estrutura argumentativa do mesmo. Garganta combina fatos do tempo passado, presente e futuro para gerar força argumentativa no seu discurso. Como a revolução ocasionou a expulsão do dono da fazenda, o Sr. Jones, a personagem, constantemente recorda que o ex-dono poderia voltar, retornando, assim, a antiga condição dos animais na fazenda. Eagleton (1997, p. 34), sublinha que “uma pessoa pode ter uma compreensão apropriada dos mecanismos de exploração, mas concluir que mesmo injusto e opressivo, é preferível, de modo geral, a qualquer alternativa provável”. Esse assujeitamento diante de situações que mesmo tendo clareza que não são as desejadas, as ideais, causa o “apagamento” do indivíduo, interferindo no “processo de constituição do sujeito”, tomando emprestado as palavras de Pulcinelli (1997, p. 80).

Fato **C** - No capítulo VI, tem-se o discurso da personagem Garganta sobre a questão de os porcos dormirem em camas:

Com que então vocês, camaradas, ouviram dizer que nós, os porcos, agora dormimos nas camas da casa? E por que não? Vocês não supunham, por certo, que houvesse uma lei contra *camas*, não é? A cama é meramente o lugar onde se dorme. Vendo bem, um monte de palha no estábulo é uma cama. A lei era contra os *lençóis*, que são uma invenção humana. Nós retiramos os lençóis das camas da casa e dormimos entre cobertores. Confortáveis, lá isso são! Porém não mais do que necessitamos, posso afirmar, camaradas, com todo o trabalho intelectual que atualmente recai sobre nós. Vocês não seriam capazes de negar-nos o repouso, camaradas, seriam? Não desejariam nos ver tão cansados que não pudéssemos cumprir nossa missão, não é verdade? Será que alguém quer Jones de volta? (p. 58).

Algumas estratégias discursivas e a manipulação da linguagem para sustentar o poder se manifestam explicitamente neste excerto. A proibição de dormir em camas estava citada no Quarto Mandamento das sete leis que regiam a Granja



dos Bichos, descritos na obra na página 25, a saber: “Nenhum animal dormirá em cama”.

A construção da frase “A cama é meramente o lugar onde se dorme”, permite perceber a função da ideologia na relação de uma elocução com seu contexto social, e nas palavras de Eagleton (1997, p. 36): “mediante a distorção e a dissimulação”. A locução também pode ser interpretada como uma remontagem, pois se o Quarto Mandamento formulado para a sociedade A Granja dos Bichos, postula que nenhum animal dormiria em cama, a explicação para os porcos, especificamente, os líderes da revolução, dormir em camas, tem como recurso argumentativo uma reinterpretação/reconstrução do fato e, como nos diz Charaudeau (2009, p. 56), “(...) o ideal de uma boa explicação consiste em poder remontar a origem dos fatos”.

As elocuições interrogativas presentes neste excerto como, por exemplo: “E por que não? Vocês não supunham, por certo, que houvesse uma lei contra **camas**, não é? [...] Vocês não seriam capazes de negarmos o repouso, camaradas, seriam?”, possibilitaram identificar que o discurso que cria a noção de erro e, portanto, o sentimento de culpa. “A estratégia básica das questões adquire a forma imperativa, isto é, as questões são questões obrigativas – parentes das perguntas retóricas: questões diretas que se dá o nome de questões objetivas” (ORLANDI, 1987, p. 17). A estratégia, a posição final, parece com o esmagamento do outro.

Do mesmo modo que Orlandi, Quintás (2009) afirma que uma forma de vencer o povo é a de repetir, uma vez ou outra, ideias ou imagens carregadas de intenção ideológica. Lançam-se chavões, fazem-se afirmações contundentes, propagam-se slogans na forma de sentenças carregadas de sabedoria. Esse bombardeio modela a opinião pública, e as pessoas acabam tomando o que se afirma como o que todos pensam, como o que todos falam. O normal.

Neste fragmento também se percebe a repetição do pronome da segunda pessoa do singular: você. Como já citamos na análise e de acordo com Koch (1992, p. 15), o uso de pronomes pessoais “tem a intenção de instaurar um “eu” e o outro como “tu”: é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira”. Garganta migra para uma posição de poder enquanto o outro, **você**, fica reduzido ao silêncio porque precisa colaborar com seus protetores ou a falência da causa será culpa deles. Mais uma

vez o porta voz consegue seus propósitos: “Os animais tranquilizaram-no a esse respeito, e não se falou mais no fato de os porcos dormirem em camas” (ORWELL, 2007, p. 59).

### Considerações Finais

Constatamos na obra, que desde o discurso inicial do *Old Major*, o velho Major nomeado em A Revolução dos Bichos, seguindo com recursos comunicativos como a canção **Bichos da Inglaterra**, a prescrição dos sete mandamentos subscritos como princípios norteadores da nova sociedade, e os discursos de Garganta, a ferramenta principal para manter e sustentar relações de poder resulta da linguagem e do discurso. Sem a linguagem e o poder exercido através da trama discursiva, a rebelião e a vitória de Napoleão pelo controle e comando da fazenda provavelmente não teriam se solidificado.

George Orwell explicita, por meio de sua fábula, a vulnerabilidade humana diante do poder incutido no *thesaurus* da língua. Também da abrangência polissêmica que um termo é passível de representar, gerando suas armadilhas através da ideologia subjacente às palavras, mesmo sem o entendimento do significado profundo advindo do léxico constituído que, como peças de um quebra cabeça, formam discursos marcantes, como nos revela Steiner (2005, p.36): “O ponto crucial está na tonalidade, no efeito cumulativo de palavras chave e torneios frasais que podem ter atrás de si e, por assim disser, imediatamente abaixo de sua superfície um complexo campo de valores semânticos e éticos”.

Por meio dos discursos repletos de intencionalidades, de frases de impacto psicológico e com abusos de circunlóquios, a ficção passa a ser fato e assim vai se criando o mundo dos animais personificados. A agência principal da nova sociedade que vai se desenhando segue o viés da língua/linguagem, que se torna um espelho distorcido e não uma imagem transparente, clara, decifrável. Perguntamos então, se não temos na sociedade atual, a linguagem expressada nas diferentes mídias, não apenas através de signos, de palavras, mas ainda, através de imagens, sons, uma ferramenta que oprime enquanto forma opiniões e julgamentos, pois não agimos também em determinadas situações como os animais representados na fábula, aceitando fatos e situações sem contra argumentações? E

ainda, se não temos no enunciado um sujeito interpelado pela ideologia, uma vez que seu dizer se encontra regulado pela sociedade que está incorporado, um sujeito assujeitado às coerções sócio-ideológicas e nunca dono do seu discurso? Pensar sobre esses questionamentos implica tratar o termo ideologia além de sua significação primeira. Significa, como um movimento em espiral, deslocar o olhar para os limiares, lá onde o termo se fricciona com seus correlatos teóricos ofertado pela língua, pois, como afirma Eagleton (1997, p. 15), deve-se falar em ideologia com respeito aos usos específicos da linguagem, produtores de determinados efeitos, representando os pontos em que o poder tem impacto sobre certas enunciações e inscrevendo-se tacitamente nelas.

Esta obra ficcional evidencia a linguagem como instrumento para a definição de conceitualizações e comportamentos em prol de representações coletivas. Fairclough, citado por Thanasoulas (2009), nos revela que subestimamos a importância da linguagem na produção, preservação e mudanças das relações de poder na sociedade e a contribuição para a dominação das pessoas. Igualmente destacamos as colocações de Barthes (2007, p. 4) quando afirma que não vemos o poder que reside na língua, “porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva”. A língua, segundo ele, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista, ela é simplesmente fascista: “pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”.

## Referências

BARTHES, R. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BLOOM, H. **George Orwell's Animal Farm**. Chelsea House Publishers, 1991. Disponível em <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=98116644>. Acesso em 20 de set. de 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. Tradução de Sérgio Miceli et al. São Paulo: Edusp, 1996.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

EAGLETON, T. **Ideologia**. Tradução de Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

KOCH, I. V. **A Inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª ed. São Paulo: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1997.

ORWELL, G. **Animal Farm**: a fairy story. New York: Signet Classics, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Revolução dos Bichos**: um conto de fadas. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

QUINTÁS, A. L. **A manipulação do homem através da linguagem**. Tradução Elie Chadarevian. Disponível em <http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm#ftn3>. Acesso em 15 de out. de 2009.

STEINER, G. **Depois de Babel**: questões de linguagem e tradução. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

TECCHIO, I. **Ideologia e Tradução em *Animal Farm***. 2010. 93f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

THANASOULAS, D. **Language and Power in Education**. 2009. Disponível em [http://www.developingteachers.com/articles\\_tchtraining/power1\\_dimitrios.htm](http://www.developingteachers.com/articles_tchtraining/power1_dimitrios.htm). Acesso em 16 de out. 2009.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2ª ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

WILSON, L. **A Revolução dos Bichos**: uma análise da União Soviética através da literatura. 2009. Disponível em <http://www.historia.uff.br/nec/autor/luis-wilson>. Acesso em 02 de Mar. de 2010.